

## ***Congresso de Língua Nacional Cantada: Língua e Linguagem na Crônica de Mário de Andrade***

Laiane Fernandes Jeronimo <sup>1</sup>

*O discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo porque, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar. (Michel Foucault)*

### **Mário de Andrade e a Crônica**

Em 1893 na cidade de São Paulo nasceu Mário de Andrade, músico, poeta, contista, romancista e cronista, formou-se pelo Conservatório Dramático e Musical de São Paulo de onde foi posteriormente professor. Andrade organizou e participou da Semana de Arte Moderna realizada em fevereiro de 1922 no Teatro Municipal de São Paulo, tornando-se um intelectual símbolo do modernismo brasileiro. Entre suas obras principais estão *Paulicéia Desvairada* e *Macunaíma*, publicada em 1928 é leitura essencial para a compreensão das faces do modernismo no Brasil. Mário, assim como muitos outros intelectuais, foi convidado pelo Governo Vargas a dirigir o Departamento de Cultura de São Paulo, primeiro órgão do país destinado a coordenação de atividades relacionadas à cultura.

Foi no período em que estava à frente dessa instituição que o Departamento de Cultura realizou o Congresso de Língua Nacional Cantada, no ano de 1937 em São Paulo. Mário de Andrade, em sua extensa produção jornalística, registrou suas impressões sobre o evento em uma crônica publicada na coluna *Suplemento em Rotogravura* pelo jornal *O Estado de S. Paulo* em setembro de 1937. Tal crônica, intitulada *Congresso de Língua Nacional Cantada*, foi reeditada em 1992 no livro *Será o Benedito!* sob a organização de Cláudio Giordano, obra que faz parte de uma coleção de livros lançados por ocasião do centenário de Mário de Andrade em 1993.

---

<sup>1</sup> Mestranda em História pela Universidade Federal de Uberlândia. E-mail: laiane\_ferj@hotmail.com

A crônica é um gênero híbrido, pois está situada entre a literatura e o jornalismo, sendo considerada por muitos um gênero menor. Durante muito tempo a crônica ficou na marginalidade e a produção de muitos cronistas foi esquecida, desse modo é imprescindível discutirmos brevemente sobre esse gênero. De acordo com Lopez (1992, p.167) “A crônica, a partir da própria etimologia da palavra guarda a ideia de tempo em seu seio. Porém, de tempo filtrado pelo modo de ver, de sentir do cronista de jornal.”, A crônica é marcada pela brevidade do tempo, são textos rápidos que visam informar e/ou entreter o leitor no caminho até o trabalho.

Mário de Andrade desenvolveu uma relação especial com a crônica já que as escrevia quase que diariamente, como coloca Sachs (1992, p.IX),

Preso a necessidades financeiras, Mário viu-se desgastado pela tarefa constante e sentiu o peso dessa obrigação de escrever para o jornal. Mas a verdade é que aquele que viveu da fé na arte e nos homens – como ele sempre repetia – encontrou na crônica jornalística um forte instrumento de ação, já que a frequência e a ligeireza dos artigos, além de suscitar a discussão, permitiam-lhe orientar de perto os escritores novos, em uma espécie de missão de vida.

Isto é, as crônicas permitiam que Andrade ficasse próximo a seus leitores, o gênero possibilitava que o autor utilizasse o coloquialismo que davas aos textos vivacidade e aproximava o escritor ao público leitor.

### **Enunciado, Intencionalidade e Nacionalismo.**

É importante salientar que a crônica utilizada para a realização deste texto está transcrita palavra por palavra no livro *Será o Benedito!* Portanto o enunciado é o mesmo, de acordo com Khalil (2005, p.205)

A diferença está no suporte – jornal/livro – e na materialidade. Os caracteres, a posição dos signos, a tinta, o papel mudaram, a materialidade mudou. [...] O que ocorre também é a passagem da efemeridade do enunciado veiculado pelo jornal para a tentativa de perpetuação desse mesmo enunciado em livro.

Ainda, segundo Silva (2012, p.15):

[...] para a leitura e análise das crônicas é importante considerar a transposição dos suportes midiáticos, já que as formas que permitem a leitura desses textos participam da construção de seus significados, ou seja, as crônicas republicadas no suporte livro tendem a ser interpretadas segundo outros protocolos de leitura.

Entendemos que este conceito – enunciado – refere-se a um conjunto de símbolos em função enunciativa, constituído pelo conjunto de formulações que apaga ou valoriza o lugar, de acordo com Foucault (1987, p.122)

O enunciado não é, pois, uma unidade elementar que viria somar-se ou misturar-se às unidades descritas pela gramática ou pela lógica. Não pode ser isolado como uma frase, uma proposição ou um ato de formulação. Descrever um enunciado não significa isolar e caracterizar um segmento horizontal, mas definir as condições nas quais se realizou a função que deu a uma série de signos (não sendo esta forçosamente gramatical nem logicamente estruturada) uma existência, e uma existência específica.

Não existe, portanto, um *enunciado* neutro, pois, foi produzido por um sujeito em uma determinada época, submetido a diferentes normas, inserido em diferentes formações discursivas e veiculado a uma determinada instituição ou grupo.

No caso a crônica *Congresso de Língua Nacional Cantada* foi escrita por um modernista, diretor de um órgão público, preocupada com a nacionalização da língua portuguesa brasileira, de modo que percebemos que o texto está permeado por todas estas questões, isto é, não é neutro. A crônica não é transparente, seu enunciado está carregado da intencionalidade do sujeito que a escreveu, pelo local em que foi produzida, pela sociedade em que o autor está inserido, entre outros aspectos.

Uma vez que a crônica mariodeandradeana está permeada pelos ideais nacionalistas é muito importante entender de que forma o autor compreendeu o nacionalismo. Os intelectuais nacionalistas brasileiros, sobretudo Mário de Andrade, preocupavam-se em encontrar um grupo étnico capaz de representar a brasilidade, a identidade nacional, nesse contexto o livro *Macunaíma*, escrito por Mário de Andrade e publicado em 1928, insere como expressão máxima do nacionalismo que, segundo

Albuquerque Jr. (2000, p.06).

[...] não é apenas ideologia, fenômeno superestrutural, ele se transforma em práticas econômicas, tecnológicas, políticas, culturais, que procuram reagir a esse processo de internacionalização, que procura apaziguar toda a perda de sentido de territórios, de identidades, de poder e de riqueza que esse processo implica para muitos grupos sociais.

Isto é, o nacionalismo caracteriza-se não só por práticas político – econômicas, mas também por práticas culturais que visavam a criação de uma identidade nacional na qual todos os cidadãos poderiam se reconhecer.

Nas décadas de 1930 e 1940 a política do Estado brasileiro, também buscava a valorização das questões e valores brasileiros, Velloso (1993, p. 90) reitera que “Na constituição do projeto do Estado nacional, literatura e política caminham juntas como irmãs siamesas. A arte é definida como o saber mais capaz de apreender o nacional e, portanto, o mais apto para conduzir a organização do país.”.

. É muito importante ficarmos atentos ao tipo de nacionalismo defendido por Mário de Andrade uma vez que a década de 1930, período em que a maioria das crônicas foi escrita, foi o auge do regime de Vargas que tinha como bandeira a valorização do nacional, sobre isso Silva (2012, pp. 73-74) escreve que:

Mas a herança do modernismo no interior na ideologia do Estado Novo foi restrita e parcial. Apropriando-se da causa modernista como um todo uniforme, o regime recuperaria apenas a corrente de pensamento de um dos grupos integrantes do movimento: a dos verde – amarelos, composta por Cassiano Ricardo, Menotti Des Pichia e Plínio Salgado [...]. Embora a vertente nacionalista e conservadora do movimento tenha sido a que imperou no interior da doutrina do Estado Novo, o regime não excluiu a colaboração de modernistas mais vinculados à esquerda como Mário de Andrade e Carlos Dummond de Andrade.

Devemos estar atentos a todos esses aspectos, pois o discurso e o enunciado presente na crônica estão repletos de aspectos sociais, culturais e políticos que compunham a vida de Mário de Andrade e do grupo o qual ele pertencia.

## **Memória e Representação**

Faz-se necessário, em primeiro lugar, compreender o termo representação, para isso recorreremos a Chartier (1990, p.20) para quem a representação “é instrumento de um conhecimento mediato que faz ver um objeto ausente através da sua substituição por uma ‘imagem’ capaz de o reconstruir em memória e de o figurar tal como ele é”. Nesse sentido, as representações do social não são neutras, as pessoas determinam o que lhes é interessante representar, sobre isso Borges (1993, p.33) escreve que “[...] todo documento constitui em si representações de um real, não existindo nenhum texto que mantenha uma ‘relação transparente com a realidade que apreende’.”. Levando em consideração as assertivas acima pretende-se discutir a relação entre representação e memória a partir dos ensinamentos de Rossi (2010) e Ricoeur (2007) e das reflexões feitas em sala.

Segundo Rossi (2010, p.15), na tradição filosófica, “[...] a memória parece referir-se a uma persistência, a uma realidade de alguma forma intacta e contínua; a reminiscência (ou anamnese ou reevocação), pelo contrário, remete à capacidade de recuperar algo que se possuía antes e que foi esquecido.” A memória é, então, a capacidade de relembrar, isto é, lembrar algo que já foi esquecido.

Para Rossi (2010) a memória é história das imagens evocadas. Rossi (2010) discute como operam as imagens da memória, o que mostra diálogo direto com o conceito de representação. Pois assim como cada um escolhe o que vai guardar na memória, cada um escolhe a forma como vai representar cada evento.

Como nosso objeto de pesquisa são as crônicas o estudo da memória é imprescindível, pois era através da memória que Mário de Andrade “recuperava” os acontecimentos da noite anterior para representa-los em seus textos. Contudo, Rossi (2010, p.16) afirma que:

A reevocação não é algo passivo, mas a recuperação de um conhecimento ou sensação anteriormente experimentada. Voltar a lembrar implica um esforço deliberado da mente; é uma espécie de escavação ou de busca voluntária entre os conteúdos da alma: quem rememora ‘fixa por ilação o que antes viu, ouviu ou experimentou e isso, em substâncias, é uma espécie de pesquisa; diz respeito somente a quem possui capacidade deliberativa, porque deliberar também é uma forma de ilação’.

Nesse sentido, o sujeito “escolhe” o que lembrar, pois a memória é recuperada ativamente pelo indivíduo. Entretanto, é importante colocarmos que essa “escolha” não é feita de forma dissimulada, trata-se de eventos marcantes para o indivíduo que são narrados e representados por ele. Portelli (2002, p.31) escreve que<sup>2</sup>:

Essa memória é um produto social, porque todos nós falamos um idioma, que é um produto social; nossa experiência é uma experiência social, mas não se pode submeter completamente a memória de nenhum indivíduo sob um marco de memória coletiva. Cada pessoa tem uma memória, de alguma forma, diferente de todas as demais.

Mário de Andrade narrava em suas crônicas suas impressões sobre a Arte Brasileira como um todo, principalmente sobre música, pintura e arquitetura. O autor destacava os momentos que, para ele, eram mais importantes nos concertos de música e os representava nas crônicas, buscando sempre passar para o leitor as emoções que sentiu durante os espetáculos. Noronha (2007, p.27) coloca que “A memória não é um ‘mecanismo de gravação’ dos fatos e acontecimentos vividos. Ela é uma seleção inconstante [...]”.

A memória guarda do passado o que for necessário para se fazer uma ligação com o presente. A memória não é fixa, porque lembrar não é reviver, ela é uma reconstrução do passado no presente. A memória é um fato social, abandona a perspectiva individualista; construída socialmente, apresenta-se influenciada por grupos de valores duramente ligados a um sentimento de pertencimento. Nesse contexto podemos considerar que as crônicas de Mário de Andrade trazem, a partir das memórias do autor, a representação de sua época.

Voltando agora a questão da representação, para Ricoeur (2007) há 3 partes que compõem o que ele chama de operação historiadora, são elas: testemunho; explicação/compreensão e representação historiadora. A representação do passado não está restrita a narrativa, mas ela perpassa as 3 fases da operação historiográfica. Nesse sentido, para Ricoeur (2007), a escrita da história reproduz a memória e o passado é uma representação que funciona socialmente a partir da memória. Dessa forma,

---

<sup>2</sup> Entrevista com o professor Alessandro Portelli feita pelo professor Paulo Roberto de Almeida e a professora Yara Aun Koury e publicada na Revista História & Perspectiva. Uberlândia 2002.

substitui-se o termo representação pela palavra representância que, segundo Ricoeur (2007, p.289)

A palavra “representância” condensa em si todas as expectativas e todas as aporias ligadas ao que também é chamado de intenção e intencionalidade historiadora: designa a expectativa ligada ao conhecimento histórico das construções que constituem reconstruções do curso passado dos acontecimentos.

Ressaltaremos também a importância da narrativa, pois, para Ricoeur (2007, p.251) “[...] o processo da narrativa é então o do acontecimento.” Mário de Andrade, recorrendo à memória, narrava fatos em suas crônicas, fazendo a representância/representação dos acontecimentos e sua intencionalidade.

## **Língua e Linguagem na crônica de Mário de Andrade**

A crônica *Congresso de Língua Nacional Cantada* foi um espaço utilizado por Mário de Andrade para comentar o congresso homônimo e expressar sua preocupação com a língua portuguesa brasileira, uma vez que as questões nacionais perpassam por toda a produção do autor. É necessário definirmos o que entendemos por língua a partir da leitura do linguista estruturalista Saussure. Para Saussure (2004, p. 24): “A língua é um sistema de signos que exprimem ideias, e é comparável, por isso, à escrita, ao alfabeto dos surdos-mudos, aos ritos simbólicos, às formas de polidez, aos sinais militares etc., etc. Ela é apenas o principal desses sistemas.”

Como linguagem, compreendemos a partir da leitura, do também estruturalista, Coelho (2006, p.19) que:

O relacionamento dos homens com o mundo e entre si, dentro deste esforço de superar os problemas diários, é responsável pela instauração da linguagem, faculdade de simbolização e procedimento comunicativo, com o qual os homens dizem o mundo e se dizem uns aos outros, permitindo dessa maneira, um intercâmbio social mais profundo das experiências anteriores e interiorizadas, coletivas ou individuais.

[...] a linguagem é o processo pela qual esta objetivação se efetiva mais profunda e eficazmente.

A língua é, então, o conjunto de todas as palavras que está acessível para o uso de todos. Já a linguagem é como cada indivíduo se utiliza da língua, uma vez que nenhuma pessoa conhece todas as palavras existentes então usa para a sua comunicação aquelas que conhece. Podemos afirmar que a língua é um elemento da coletividade, pois está disponível a todos, já a linguagem é individual, pois cada um tem sua maneira particular de falar.

O Congresso de Língua Nacional Cantada foi motivado pela necessidade de estabelecer a pronúncia cantada na língua brasileira, o evento propunha o *abrasileiramento* da música e a adaptação das peças clássicas ao nosso idioma. Esses ideais condizem com as propostas modernistas: a renovação da produção artística, a nacionalização das fontes de inspiração dos artistas brasileiros e a valorização dos aspectos tipicamente nacionais.

Mário de Andrade salienta a importância deste evento enquanto palco de discussões sobre a língua portuguesa brasileira, pois este foi o primeiro Congresso realizado na América do Sul preocupado com o estabelecimento de uma língua padrão para as *artes de dizer* e, segundo Andrade (1937, p.19) “Pouco importa se ela seja adotada ou não. O que interessa em principal é verificar o início de uma ordem, dantes inexistente, de preocupações estéticas.” Antes mesmo da realização do Congresso, Mário de Andrade já se preocupava e, até mesmo, já incorporava em sua escrita a língua portuguesa abasileirada, padronizando a linguagem escrita e a linguagem falada. Sobre isso, Silva (2009, p.46) ainda relata que:

O modernista retoma a discussão, iniciada por José de Alencar, da língua brasileira como princípio da autonomia nacional. [...] Para ele, somente a soberania do povo “tem a força de transformar uma língua, modificar sua índole, criar novas formas de dizer”. [...] A independência das nações, conclui Alencar, não é apenas um fato político, mas também cultural, reproduzindo nas ideias, costumes, sentimentos e, naturalmente, na língua, “que é a expressão desses fatos morais e sociais”.

A preocupação com a língua portuguesa brasileira já existia desde os tempos do império, sobre isso Andrade (1937, p.19) coloca que, “[...] certos jornais denunciavam a necessidade a necessidade urgente de se estabelecer a pronúncia cantada da língua nacional.”.

A língua desempenha um papel fundamental na composição das identidades nacional, sobre isso Rousseau (2003, p.259) nos ensina que “A palavra distingue os homens entre os animais, a linguagem as nações entre si – não se sabe de onde é um homem antes de ter ele falado.” Rousseau (2003, p.264) ainda coloca que “A língua de convenção só pertence ao homem e esta é a razão por que o homem progride, seja para o bem ou para o mal, e por que os animais não o conseguem.”.

Na crônica *Congresso de Língua Nacional Cantada*, Mário de Andrade escreve sobre o caráter musical do evento, Andrade (1937, p.19), sobre o congresso coloca que “Foi o primeiro congresso musical num país em que a música já alcançou esplêndida qualidade e tem numerosíssimos cultores.” A música tinha um papel importantíssimo na valorização e composição das identidades nacional uma vez que é uma arte democrática, acessível a todos e carrega muitos elementos da cultura brasileira. Rousseau (2003, p.303) também fala sobre a entonação musical dada a linguagem, os acentos e os sons permitem que a linguagem ganhe uma conotação musical e expresse os sentimentos e as paixões do locutor, sobre isso ele escreve que:

A princípio não houve outra música além da melodia que não o som variado da palavra; os acentos formavam o canto, e as quantidades, a medida; falava-se tanto pelos sons e pelo ritmo quanto pelas articulações e pelas vozes.

Dessa forma, para Rousseau (2003, p.304) a língua escrita perde parte de sua riqueza uma vez que deixa de expressar sentimentos e passa a transmitir apenas ideias desprovidas, segundo ele, de paixões:

Uma língua que não tenha, pois, senão articulações e vozes possui somente a metade de sua riqueza; na verdade transmite ideias, mas, para transmitir sentimentos e imagens, necessitam-se ainda ritmos e de sons, isto é, eis o que a língua grega possuía [...].

A música, por possuir ritmo e entonação desperta nos ouvintes, por intermédio dos sentidos, sentimentos e paixões. Rousseau (2003, p. 323) critica os músicos que se preocupam apenas com a harmonia de suas composições, “Abandonando o acento oral e atendendo unicamente às instituições harmônicas, a música se torna mais ruidosa ao ouvido e menos agradável ao coração.”.

Nesse sentido, para Rousseau a língua e a linguagem tem função de despertar no homem as paixões e os sentimentos a partir do momento em que a língua perde sua entonação musical e não desperta emoções no homem ela perde seu sentido. A língua e a linguagem são mais que um fator cultural, elas têm uma função social relevante, pois a comunicação através dos gestos, da língua e da linguagem é imprescindível para as relações sociais estabelecidas entre os indivíduos, pois são permeadas de discursos e enunciados.

## **Considerações Finais**

As reflexões sobre a relação entre discurso, memória e história são muito frutíferas e de grande valia para a realização de nossa pesquisa. Dentre as várias nuances dessa relação encontram-se a língua e a linguagem enquanto elemento basilar para a construção da identidade nacional, segundo Rousseau (2003) e Mário de Andrade (1992), tendo seu principal expoente a língua musical, isto é, a língua nacional cantada que é o tema da crônica aqui analisada. A linguagem (escrita, falada, cantada ou e/ou visual) é a menor parte do discurso, isto é, todo discurso é constituído a partir de alguma linguagem. Esta linguagem está cercada pelas intenções do autor, pela cultura, economia, política e sociedade que o cercam. É a partir da memória que todos esses fatores são trazidos à tona.

Parafrazeando o Prof. Valdeci Borges: Discurso, História e Memória se unem em uma relação de troca e cumplicidade.

**Fonte**

ANDRADE, Mário de. “Congresso de Língua Nacional Cantada”. In. *Será o Benedito!* São Paulo: Educ, 1992.

### Referências

ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz. *Da terceira margem eu so(u)rrio: sobre história e invenção*. Disponível em:

[http://www.cchla.ufrn.br/ppgh/docentes/durval/artigos/segunda\\_remissa/terceira\\_margem.pdf](http://www.cchla.ufrn.br/ppgh/docentes/durval/artigos/segunda_remissa/terceira_margem.pdf) - Acesso em 15 de fevereiro de 2013.

ALMEIDA, Paulo Roberto de, e, KOURY, Yara Aun. “História Oral e Memórias: entrevista com Alessandro Portelli”. In. *História & Perspectivas*. Uberlândia: Jul/ Dez. 2001, Jan/Jul, 2002.

COELHO, Braz José. *Linguística, linguagem: conceitos básicos*. Goiânia: Trilhas Urbanas, 2006.

FERNANDES, Cleudemar Alves. *Análise do Discurso: reflexões introdutórias*. Goiânia: Trilhas Urbanas, 2005.

FOUCAULT, Michel. *A Arqueologia do Saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 3ª ed. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves, 1987.

\_\_\_\_\_. *A Verdade e As Formas Jurídicas*. Rio de Janeiro: Nau Editora, 3ªed. Trad. Roberto Cabral de Melo Machado e Eduardo Jardim Morais, 2003.

GREGOLIN, Maria do Rosário. AD: descrever – interpretar acontecimentos cuja materialidade funde linguagem e história. In. NAVARRO, Pedro. (org.) *Estudos do Texto e do Discurso: mapeando conceitos e métodos*. São Carlos: Claraluz, 2006.

\_\_\_\_\_. Análise do Discurso: Lugar de Enfrentamentos Teóricos. In.\_\_\_\_ FERNANES, Cleudemar Alves e SANTOS, João Bôscio Cabral dos. (orgs.) *Teorias Linguísticas: problemáticas contemporâneas*. Uberlândia: EDUFU, 2003.

GUEDES, Tarcila. *O lado doutor e o gavião de penacho, movimento modernista e patrimônio cultural no Brasil: o serviço do patrimônio histórico (SPHAN)*. São Paulo: Annablume, 200.

KHALIL, Marisa Martins Gama. Labirintos Literários: Suportes e Materialidades. In. *Linguagem – Estudos e Pesquisas*. Catalão: vol 6, 2005.

NORONHA, Gilberto César de. *Joaquina do Pompéu tramas de memórias e histórias nos sertões do São Francisco*. Uberlândia: EDUFU, 2007.

RICOEUR, Paul. “Explicação/Compreensão.” e “A representação historiadora.” In. *A memória, a história, o esquecimento*. Trad. Alan François [et al]. Campinas: Editora da Unicamp, 2007. p.193 – 301.

ROSSI, Paolo. “Lembrar e Esquecer.” In. *O passado, a memória, o esquecimento. Seis ensaios sobre as ideias*. Trad. Nilson Moulim. São Paulo: Editora UNESP, 2010. p. 1 – 38.

ROUSSEAU, Jean Jacques. *Ensaio sobre a origem das línguas*. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Linguística Geral*. São Paulo: Editora Cultrix, 27ªed. 2004.

SERPA, Élio. “Congresso da Língua Nacional Cantada de 1937: a insensatez maravilhosa da militarização das vogais”. *Nacionalismo Raça e Língua. Diálogos Latinoamericanos*, nº 03. Universidad de Aarhus, 2001, pp. 71 – 86.

SILVA, Regina Nascimento. *Memórias rabiscadas nas crônicas de Viventes de Alagoas de Graciliano Ramos*. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Dissertação de Mestrado, 2012.

# XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH  
BRASIL

# XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH  
BRASIL